

UM “PETARDO”: “CARTA A UMA NAÇÃO CRISTÃ”

As pessoas que não professam nenhum credo religioso começam a se manifestar publicamente sem o risco de serem chamuscadas em fogueiras inquisitoriais, como no passado, apesar da existência do preconceito dos que têm dificuldades de conviver com as diferenças. A leitura do livro de Sam Harris, publicado pela Companhia das Letras, chamado *Carta a uma nação cristã*, é um pequeno petardo de 91 páginas que esse professor de filosofia da Universidade de Stanford e especialista das religiões ocidentais e orientais nos oferece, numa linguagem direta, *para você cristão*.

O livro do professor Harris vem na esteira de outros livros que vêm sendo traduzidos para a língua portuguesa, como o livro de Richard Dawkins e outro (todos publicados pela Cia das Letras). Dawkins é autor da controvertida obra que ousa questionar dogmas e certezas, chamado *Deus, um delírio*.

É bom advertir o leitor: não se trata de nenhum ateu comunista empenhado em combater a alienação religiosa, chamada de ópio do povo, mas de cientistas (biólogos, físicos, filósofos, etc.) que têm ousado, com muita perspicácia, sair do espaço restrito de seus laboratórios acadêmicos e debater com a sociedade de uma forma lúcida e inteligente, sem subterfúgios e falsos pudores morais.

É só folhear as noventa e uma páginas do livro do professor Harris, para perceber a quem é dirigido o seu contundente recado: aos recentes movimentos religiosos obscurantistas dos Estados Unidos que negam os avanços científicos, pregando um imaginário “Design Inteligente” (DI), ou “Projeto Inteligente” (PI). São os chamados “criacionistas” que proliferam assustadoramente no país mais avançado do ponto de vista científico e tecnológico, o que é, na verdade, um verdadeiro paradoxo.

De: Sam Harris, *Carta a uma nação cristã*
São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Por: **BENEDITO JOSÉ DE CARVALHO FILHO**

Doutor em Sociologia.

Diz Harris em certo momento:

O problema do DI é que ele não passa de um programa de defesa de idéias políticas e religiosas, disfarçado de ciência. Uma vez que a crença no Deus bíblico não encontra nenhuma sustentação na nossa compreensão científica do mundo, os teóricos do DI invariavelmente escoram suas afirmações nas áreas onde há ignorância científica.

A partir daí, o autor vai desmontando cada um dos argumentos *criacionistas* e, como lembra Richard Dawkins (autor do prefácio do livro), “cada palavra sai zunindo como uma elegante flecha, desferida de uma corda tensionada ao máximo, e voa veloz, traçando um arco e atingindo o alvo bem no centro, para satisfação do leitor”.

Ao ler o livro de Harris, não pude deixar de lembrar do pequeno livro bombástico do famoso filósofo Bertrand Russel, traduzido no Brasil como *Porque não sou cristão e outros ensaios sobre religião e assuntos correlatos*.

Este livro do filósofo e matemático só encontrado em *sebos*, significou, usando as palavras de Richard Dawkins, um verdadeiro petardo na vitoriana cultura inglesa e motivo de perseguição implacável contra um autor lúcido e que ousou combater o obscurantismo da época sem o temor de ser acusado de herege e ateu.

Harris (e seus colegas cientistas) prosseguem o trabalho de Russel, mas não encontram um clima moral e intelectual tão fanático como na Inglaterra na época em que viveu. O que Harris parece combater não é tanto a religião (que ele insiste em chamar de algo perigoso para o futuro da humanidade), mas a intolerância, o fanatismo que ela acaba gerando nas

sociedades humanas. Fanatismos que não são geradas só nos movimentos religiosos, mas, também, nas seitas políticas como o nazismo, o fascismo e o stalinismo russo com seus messianismos e niilismos.

Outro aspecto para refletir nesse pequeno livro de Harris, ainda sobre a tolerância, é a capacidade das pessoas e da sociedade conviverem com as diferenças. E aí ele é certo ao demonstrar, por exemplo, o que significa declarar na nossa sociedade que se é ateu. Um ateu, diz ele, dificilmente será um presidente dos Estados Unidos; o ateu sofre do preconceito velado que o afasta de determinados círculos, sendo uma pessoa considerada como “pecadora” cujo destino é o fogo do inferno.

A “consciência coletiva” tem um imaginário sobre a pessoa que não aceita dogmas religiosos bastante inflexíveis, mesmo quando essa pessoa revela-se na sociedade, através de seus atos, alto espírito de solida-

riedade e compaixão para com os seus semelhantes, como foi o caso do filósofo inglês, um grande combatente contra a guerra do Vietnã, ao ponto de seu nome ser símbolo desse combate: o “Tribunal Russel”.

O livro de Harris é valioso porque ele suscita o debate, ajuda-nos a sair da letargia porque se expõe ao debate lúcido e sem hipocrisia, o que é muito salutar nessa época de reinvenção de *cruzadas civilizatórias*, tudo em nome de um pseudo Deus. Aí temos como exemplo os discursos de Busch quando iniciou a guerra do Iraque. Temos outros exemplos, mesmo em nosso país, como a disseminação de seitas obscurantista onde Deus é “vendido” para uma multidão desesperada (e exasperada) pelo desemprego, pela fome, pela violência e pelo mal estar em que todos vivemos.